

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PESQUISA DE CAMPO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

Dulce C. A. Whitaker¹

Valéria Andreatta Whitaker²

Marinaldo Fernando de Souza³

Resumo: Após rápidas observações sobre dificuldades de apreensão científica dos fenômenos pela mente humana (obstáculos epistemológicos), o texto apresenta proposta metodológica baseada em transdisciplinaridade e refletividade como antídoto aos preconceitos e a contra transparência do pesquisador, os quais impedem muitas vezes a compreensão adequada, principalmente dos processos humanos que ocorrem na zona rural. São apresentados então três exemplos de pesquisa, nas quais – em diferentes momentos – um olhar poliocular foi capaz de realizar investigações pautadas por diretrizes relacionadas à proposta aqui sintetizada.

Palavras-chave: Estudos rurais; Pesquisa Qualitativa; Nova Ciência; Transdisciplinaridade.

Abstract: *In addition to the comments summarized herein, regarding the difficulties in understanding scientific phenomena by the human mind (epistemological obstacles), this paper presents and proposes a methodological framework for transdisciplinarity and reflectivity as an*

¹Professora Dra. em Sociologia – Programa de Pós-graduação em Educação UNESP/FCLAr – Araraquara SP/UNIARA/NUPEDOR (sil.onofre@uol.com.br).

²Engenheira Agrônoma, Professora Dra. Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional UNIARA Araraquara SP/NUPEDOR (valeriawhitaker@hotmail.com).

³Psicólogo e Mestrando em Educação UNESP/FCLAr – Araraquara SP/NUPEDOR (mfspsi@hotmail.com).

interactive method through critical reflection to be used as an antidote against prejudice and a lack of transparency of researcher that are often seen as impeding proper understanding of the true, specifically in the human processes that occur with people living in rural areas. Then, three examples of research are presented, which – in different time periods – a polyocular view was applied to conduct investigations outlined by guidelines in the framework related to the proposal summarized within this work.

Keywords: Rural Studies; Qualitative Research; New Science; Transdisciplinarity.

Introdução

O conhecimento científico apresenta duas grandes características - entre muitas outras igualmente importantes, mas que não nos cabe enumerar aqui. Vamos situar apenas essas duas características, porque são as que tornam difícil o acesso das pessoas comuns a seus patamares mais elevados. São elas, o caráter abstrato das suas formulações e a frequência com a qual esse conhecimento contraria as observações do senso comum e de outras formas de conhecimento.

Quanto mais avançada historicamente seja uma área do conhecimento científico, mais essas duas características se acentuam e mais inacessíveis se tornam suas formulações. Mas antes de verificar como isso se dá em diferentes campos do saber, vejamos como se apresentam tais características, de modo geral, ao observador comum, curioso de compreender a complexidade do universo, ou as crises financeiras que afetam seu poder aquisitivo ou o avanço das doenças, ou a razão dos movimentos sociais, ou simplesmente a fórmula do seu sal de cozinha.

Em primeiro lugar, tudo que enxergamos, sem auxílio de equipamentos ou de teorias, se apresenta sob o manto das aparências. O objeto concreto que observamos resiste ao nosso olhar investigativo e não se desvela facilmente. Sua essência permanece invisível e por mais esforços que façamos para penetrá-lo, ele se mantém mudo, estático, a nos desafiar. O objeto é sempre o resultado de um conjunto de relações – em teias, ou redes complexas – átomos "grávidos" de partículas, frutas cheias de sais minerais, que por sua vez resultam de processos bioquímicos complexos... Assim, o sociólogo, trabalhando com interfaces, deve contemplar os movimentos sociais como processos complexos cheios de subjetividades em rede e de contradições insolúveis, tangidos por forças históricas inexoráveis.

O esforço hercúleo da ciência tem sido o de construir equipamentos que permitam

captar alguns desses elementos invisíveis, produzir reações para libertar outros, ou elaborar teorias que expliquem adequadamente tanta complexidade, ainda que sejam relações fugidias, impenetráveis como buracos negros, hipotéticas partículas da física quântica, ou no caso das ciências humanas, as motivações pessoais e as grandes correntes históricas que dão sentido às mudanças sociais.

E quanto mais a ciência avança na construção dessas relações, mais se afasta do senso comum. E aqui já estamos falando dessa nossa segunda característica do conhecimento científico: sua quase incompatibilidade com as outras formas de conhecimento – conhecimentos obtidos ao longo do tempo, através de práticas culturais interessantes, a partir do pensamento religioso ou mágico, com bases em experiências eficazes (úteis, portanto), mas que atuam como obstáculos epistemológicos à compreensão das conquistas do universo científico.

Não se pode afirmar, como queria Francis Bacon, que o intelecto humano seja insuficientemente contemplado com a capacidade de perceber tais complexidades. O que acontece é que a força das aparências se junta a modos de pensar arraigados pelo hábito, desde a primeira infância, quando a família e os adultos significativos "alimentam" a mente infantil com as representações sociais, que afinal orientam o cotidiano de nossas vidas (MOSCOVICI, 2004).

É claro que muitos conhecimentos científicos já foram incorporados a essas representações (MOSCOVICI, 1976), mas para serem adequados ao uso diário sofreram refrações que os deformam e são até deixados de lado quando os velhíssimos modos de pensar se impõem. E aqui já adentramos a área dos preconceitos – obstáculos ao conhecimento dos mais atuantes, especialmente quando referidos ao mundo rural (WHITAKER, 2002).

Além disso, há idéias poéticas, imaginativas, criativas, que nos são caras e não devemos descartar. Por exemplo, um pôr-do-sol, (que na verdade não é um Sol se pondo em parte alguma, e sim um resultado sistêmico) é um momento de rara beleza e nem mesmo o mais aplicado pesquisador em astronomia dirá que vai sair apenas para contemplar o momento em que a rotação do nosso planeta, em seu movimento de translação à volta do sol produz ausência de luz no fuso horário em que vive e plantou o seu jardim.

Há, portanto representações sociais imaginativas, aromas inebriantes, cores deslumbrantes e não devemos "desencantar o mundo" a ponto de abandonar nossos sonhos e fantasias.

O argumento principal deste artigo é de que podemos e devemos manter a fascinação pela natureza, com metodologias apropriadas que nos permitam contemplar os fenômenos em suas caleidoscópicas e miraculosas inter-relações, o

que nos ajudará a manter e/ou desenvolver a veneração pela mãe-terra. Nosso segundo argumento é de que esse tipo de atitude é particularmente apropriado aos estudos rurais – mais especialmente à Sociologia Rural, uma vez que as relações sociais no campo são constantemente intermediadas pela complexidade dos fenômenos da natureza.

Ou seja, aquilo que aparece ao pesquisador como pobreza material ou simplicidade nos modos de vida, aquilo que surge como rusticidade, o caráter "bucólico" do rural em seu alegre despertar ao canto dos pássaros ou seu melancólico entardecer sem as luzes urbanas, é na realidade uma teia de relações complexas derivadas dos ecossistemas em suas relações com as culturas agrárias, com seus fragmentos de resistência...

Precisamos, portanto, para a compreensão do rural:

- a) Superar a ideologia urbano-industrial que se autoproclama universal, tal como equacionado por Weber (2008);
- b) Superar o reducionismo da ciência cartesiana que propõe estudar o fato social como coisa, síntese da proposta de Durkheim (1972);
- c) Superar o positivismo, que fragmenta o real, pensando entender a natureza com base em recortes abstratos (CAPRA, 1982).

1. Assentamentos de Reforma Agrária: uma realidade complexa.

A introdução acima, um pouco longa e bastante geral, foi necessária para situar nosso ponto de vista sobre as possibilidades da transdisciplinaridade nos estudos sobre Reforma Agrária.

A primeira exigência para a prática de uma "nova ciência" tal como proposta por Morin (1993) e Capra (1982) – um antropólogo e outro físico – entre muitos outros, é criar metodologias apropriadas.

Não basta contemplar o fenômeno e tentar apreendê-lo teoricamente a partir das interfaces conhecidas pelo pesquisador. Já dissemos que o objeto "resiste" – não quer ser desvelado pelo movimento da razão. Além disso, a razão humana – não nos esqueçamos – está obstaculizada por toda sorte de preconceitos, advindos do senso comum, das representações sociais, das religiões e das subjetividades, singularidades e intenções pessoais.

Não podemos nos esquecer ainda de que a própria ciência é uma construção histórica e, portanto contaminada pelas ideologias. Para que se compreendam tais processos, basta contemplar a história da medicina, com sua controvertida evolução de tratamentos, inspirados pelos avanços científicos de cada época (WHITAKER, 2007).

Assim, são as necessidades de cada época, dentro da totalidade histórica, avançando em teias complexas de relações, que determinam o tipo de pensamento científico que devemos desenvolver. O industrialismo continua praticando, estimulando e financiando largamente o reducionismo da Ciência cartesiana que serve para produzir tecnologia e devastar o planeta. Mas este pede socorro e exige uma outra Ciência (CAPRA, 1982) clamando por sustentabilidade e preservação do meio-ambiente.

É contemplando a natureza devastada que se percebe esse grito de socorro. Até mesmo o economista mais profundamente envolvido pelas razões de produtivismo, ou o agrônomo totalmente dedicado às necessidades do agronegócio concordará, ao contemplar os grandes cultivos (*plantations*) que a fragilidade da monocultura abre portas às pragas que afetam a produtividade pela qual tanto lutam. Basta pensar no "*greening*" que ameaça de extinção os grandes laranjais ou as pragas que assolam periodicamente grandes extensões de soja.

Quando se visita um assentamento de Reforma Agrária, no entanto, o que nos chama atenção é a produção em mosaico, o que foi bem documentado para os assentamentos de Araraquara, por exemplo, por Whitaker e Fiamengue (2000) e por Nishikawa (2004) – em trabalhos que chamam atenção para as possibilidades de sustentabilidade, preservação e até recuperação de uma natureza que já havia sido devastada anteriormente pela prática de monocultura de eucaliptos (caso da Fazenda Monte Alegre).

Pesquisar assentamentos de Reforma Agrária, portanto, exige, transcender as aparências da ilusória simplicidade observada pelo olhar urbanocêntrico e desvelar a pequena propriedade familiar produtora de alimentos, garantindo não só a segurança alimentar dos seus moradores, como a de muitos setores do seu entorno urbano, que exigem políticas públicas de distribuição de alimentos frescos, como a merenda escolar e os restaurantes populares – no caso de Araraquara estudados por Kuranaga, Botta Ferrante e Almeida (2008).

Mas é preciso transcender ainda este nível de análise e buscar a rede que liga o local ao global, percebendo relações geopolíticas que derivam da questão ainda mais ampla da Soberania Alimentar da região e do país diante do avanço das grandes corporações sobre o controle da produção de sementes (WHITAKER, 2008).

Desse ponto de vista sistêmico, uma aparentemente simples semente de soja transgênica é produto de relações dialéticas que podem ser desdobradas em incontáveis (e inconfessáveis) interesses internacionais e em contraponto, um simples lote de subsistência caracterizado pela diversidade envolve infinitas possibilidades ligadas ao controle biológico de pragas, à relação com matas

nativas conservadas pelo pequeno produtor – à diversidade e rotação dos cultivos, tornando as plantas menos suscetíveis às disfunções sistêmicas.

Essas relações dadas pelo olhar agroecológico já são relativamente conhecidas, mas a natureza e a cultura são ainda mais complexas e aqui já estamos adentrando o campo da nova ciência com suas propostas de fenômenos em rede (a Teoria da Vida, segundo CAPRA, 1999).

Necessitamos, portanto, desenvolver metodologias apropriadas ao meio rural, para provar através dessas múltiplas relações, que os benefícios da Reforma Agrária vão muito além de avaliações produtivistas e até mesmo das avaliações extensionistas, ainda quando as propostas sejam agroecológicas. Ou seja, a Reforma Agrária se insere: num nível macro, como exigência política de justiça social e democratização; num nível micro, como exigência para recuperação ambiental; e num nível sistêmico como exigência essencial à "teia da vida".

Mas para que o pesquisador não seja acusado de ser apenas militante de esquerda ou o que é pior romântico e idealista, precisamos desenvolver e fornecer a ele pressupostos metodológicos ligados à nova ciência, com suas propostas de olhar poliocular – conceito criado por Morin (1993) – e que depende de interfaces e transdisciplinaridade.

Em nosso entender, e baseando-nos em nossas pesquisas em diferentes áreas, estabelecemos como base para essa metodologia que pode estruturar e operacionalizar esse olhar poliocular em uma tríade compreensiva: um olhar que vê, um olhar que sente e um olhar que reflete – estruturado a partir de interfaces que levam à transdisciplinaridade o que passamos a explicitar.

O olhar que vê faz a leitura compreensiva do espaço, com registros detalhados em diário de campo, utilizando para essa leitura as referências teóricas que dão conta das relações e não de partes do real. O olhar que sente acontece durante a re-leitura, que dá continuidade à análise já iniciada durante a coleta de dados (que pode estar sendo feita também a partir de outras técnicas, o que depende do tema da pesquisa). A releitura leva à emoção porque a memória do pesquisador é estimulada pela descrição compreensiva (NISHIKAWA, 2002).

Ao ler suas anotações em Diário de Campo, o pesquisador evoca momentos de descoberta que pareciam naturais na situação de campo, mas que agora ganham novos significados e sugerem novas relações. É a própria investigação que avança tentando descobrir os meandros da teia sistêmica na qual se inserem os fenômenos. Mas a emoção deve dar lugar à reflexão e o "olhar que reflete" realiza agora as reflexões sobre a própria reflexão, que já estava dada, desde o projeto de pesquisa.

Quais são as interfaces que enriquecem esses três olhares? Obviamente isso varia de caso a caso, mas na questão da Reforma Agrária, esse olhar parte do direito à vida. A questão dos Direitos Humanos é fundamental e é a partir do campo do Direito que se justifica a ocupação do espaço – o direito à vida implica o plantio de alimentos – fonte da vida e da sociabilidade (Sociologia em interface com a Biologia).

A proposta supõe então o envolvimento do pesquisador, já que não há neutralidade e nem a pseudo-objetividade da separação entre sujeito e os temas por ele investigados. Assim, diante das contradições e paradoxos que emergem a todo momento do real pesquisado, emergem também os processos de contratransferência, que o pesquisador precisa assumir e administrar (o olhar que sente).

O processo da contratransferência⁴, originalmente identificado por Sigmund Freud em seus estudos psicanalíticos, é amplamente utilizado para compreensão da relação entre o analista e cliente numa situação psicoterapêutica. Levando-se em conta sua descrição clássica, a contratransferência diz respeito às respostas emocionais do analista frente aos estímulos do paciente, que atuam como obstáculo à compreensão dos fenômenos subjetivos; é uma forma de resistência inconsciente que também pode impedir o progresso e a credibilidade da Psicanálise enquanto disciplina científica (LEITÃO, 2003).

A partir dessa descrição clássica, muitos autores aprofundaram a análise do fenômeno contratransferencial – da mente de quem sente e analisa – trazendo avanços e impactos significativos no campo teórico-prático da Psicanálise. Não cabe aqui ressaltar todas as vertentes e tentativas explicativas produzidas até então, mas apenas apresentar o delineamento inicial realizado por Freud, o que já nos permite expandir a percepção sobre os "pontos cegos" – limitações – do pesquisador em relação ao objeto a ser analisado ou da própria figura dos sujeitos a serem compreendidos – neste caso, o rural e o homem do campo. Parafraseando Freud (1910), nenhum pesquisador avança para além do que permite suas próprias resistências, sendo necessária neste caso uma autoanálise contínua – de sua própria subjetividade e da complexidade que envolve os fenômenos sociais a serem pesquisados. Desta forma, caberá ao pesquisador frente aos obstáculos que lhes são comuns, realizar o constante exercício de *reflexividade – um olhar atento e flutuante sobre o olhar que olha; somente assim captaremos a*

⁴Freud não chega a elaborar uma teoria da contratransferência, porém a descreve ao longo de sua obra. A exemplo disso consultar os textos: "As perspectivas futuras da terapia psicanalítica" e "Análise terminável e interminável", ambos de 1910.

realidade viva sem mutilá-la demais (MORIN, 1993).

Estamos então em pleno campo da Psicologia e quando o pesquisador pensa estar em estado de ilusão e autoengano, a natureza se impõe a ele com toda sua força e o olhar que reflete necessita das ciências ambientais (Ecologia: ciência integradora por excelência). O amor à natureza emerge da contemplação (o olhar que sente). Supera-se assim a velha regra do positivismo que nos aconselhava a ver fatos humanos como "coisas". Neutraliza-se também o olhar do "estranho" e o pesquisador se integra à natureza e aos atores sociais que nela vivem, compreendendo suas motivações – sejam eles os assentados de Reforma Agrária, sejam os moradores de Parques e Reservas, sejam quilombolas, índios ou povos da Floresta. Finalmente, temos a dimensão aprazível, o lado bonito da natureza, captado também pela percepção poética; artes e valores ligados à religiosidade – espirituais, estéticos e emocionais – devem ser também considerados, não como obstáculos epistemológicos à compreensão científica, mas como fatores dignos de serem levados em conta por essa compreensão.

Superada, dessa forma, a visão urbanocêntrica, chega-se ao conhecimento científico despido de preconceitos e o rural se desvela como elemento fundante da teia da vida, pois é nele que se produz o alimento, fonte da vida e base do Sagrado.

Não basta, portanto, calcular a produtividade da área plantada e/ou do trabalho despendido pelo assentado, embora isto seja, sem dúvida, importante. É preciso captar também a subjetividade desse novo ator social – sua ligação com a natureza e as emoções derivadas do contato com a terra, o que nem sempre é fácil, em se tratando de pesquisadores com vivência urbana.

Elis Cristina Fiamengue, ao realizar pesquisa para seu mestrado, nos anos 1990, conviveu largamente com as crianças de um assentamento próximo a Araraquara-SP, tendo conseguido dessas crianças desenhos expressivos que analisou em profundidade (FIAMENGUE, 1997).

Quando Dulce Whitaker orientou esse mestrado, trabalhava com uma equipe de cinco pesquisadores – todos realizando diários de campo (WHITAKER, 2002) e colhendo histórias de vida que eram fontes para todos os trabalhos dos membros da equipe - o que gerava férteis debates. Há que reconhecer que o pai da então mestranda fora trabalhador rural, o que alargava sua compreensão e neutralizava possibilidades de contratransferência. Foi então capaz de compreender o encantamento das crianças pela natureza nos desenhos que retratavam o assentamento (em contraste com a pobreza dos seus olhares sobre o urbano, do qual haviam conhecido apenas a miséria).

Certamente as flores e borboletas que enfeitavam a maioria dos desenhos despertavam a tríade de olhares à qual nosso texto se refere. Dulce Whitaker confessa que isso também lhe acontecia durante a análise de alguns desenhos, em momentos de orientação. Ao contemplar algumas das imagens criadas pelas crianças (o olhar que vê) sentia emoções ligadas à memória da infância⁵ (o olhar que sente). Tais emoções facilitaram a análise desses desenhos (o olhar que reflete) quais desvelaram relações ecológicas derivadas das representações que as crianças faziam da paisagem.

Compreendidas a partir dos seus desenhos, as crianças revelaram estruturas mentais ricas de estímulos à aprendizagem, criados pela natureza e pelas práticas agrícolas – estímulos esses que a escola não leva em conta, dado o seu caráter urbanocêntrico e sociocêntrico (WHITAKER, 2009).

Entre as descobertas feitas com base nessa metodologia compreensiva, gostaríamos de enfatizar o fato de que, contrariamente ao que proclama o senso comum, essas crianças haviam se adaptado rapidamente ao novo espaço então criado e eram felizes nessa nova situação⁶.

Outro exemplo que pode ilustrar as possibilidades dessa metodologia está exposto com detalhes em artigo publicado nos *Cahiers Du Brésil Contemporain*, sobre a diversidade reinante nos assentamentos de Reforma Agrária da região de Araraquara (WHITAKER, 2003). Nesse artigo, apresenta-se a análise sociológica de uma singularidade, expressa através de uma história de vida que captou o alto nível de consciência ambiental de um assentado, graças à sensibilidade da pesquisadora, que colheu a entrevista valorizando e estimulando seus depoimentos sobre a natureza. Ao realizar a análise desse material, foi possível captar as relações dessa fala, rica da sabedoria (própria de subjetividades ligadas ao meio ambiente) com a totalidade histórica que vivenciamos.

Para terminar, trazemos um exemplo da pesquisa transdisciplinar que estamos realizando em associações, (os autores deste texto) numa investigação que confronta três diferentes tipos de áreas rurais, o que nos levou ao Vale Histórico

⁵Dulce Whitaker também teve um pai de extração rural, que saiu do Rio de Janeiro, nos anos 40 do século passado, para vivenciar o "front" pioneiro que se deslocava pela alta Sorocaba no Oeste de São Paulo. Passou, portanto, parte da infância, numa configuração rural semelhante à dos assentamentos, com novos espaços e novos atores sociais.

⁶No momento da coleta, o assentamento era de formação recente e as crianças haviam chegado de outros espaços, inclusive urbanos.

do Rio Paraíba no Estado de São Paulo – um rural tradicional, enfatizados pelo olhar literário de Monteiro Lobato, mas também pelo olhar acadêmico⁷.

No entanto, os diferentes olhares por nós propostos nesta metodologia desvelaram um universo fascinante de práticas culturais que resistem e principalmente de paisagens restauradas – em alguns pontos, verdadeiros santuários ecológicos, cujo levantamento estamos realizando.

O que para alguns pode ser visto como decadência e abandono, está sendo por nós investigado em suas articulações contraditórias com a modernidade das cidades – tanto no Estado de São Paulo como no do Rio de Janeiro – um "outro vale", situado em outro tempo histórico, carregado de potencialidades dadas pela exuberância cultural e ambiental se explica pela originalidade da topografia. Olhares sociológicos, históricos e antropológicos entraram em transdisciplinaridade com a Psicologia e a Geografia, unificados pelo olhar ecológico (WHITAKER, 2005) para tentar superar os preconceitos que marcam muitos estudos sobre essa região (WHITAKER; WHITAKER e SOUZA, 2010).

Divulgar estudos como o de Fiamengue, por exemplo, ajudaria professores a compreenderem melhor os alunos da zona rural, explorando seus esquemas de assimilação (Piaget, 1996) e parando de atribuir às carências materiais do campo, um fracasso escolar cuja causa é o desconhecimento sociológico da criança e de suas circunstâncias por parte da pedagogia dominante.

Esses poucos exemplos de pesquisas, embora em fragmentos, nos parecem suficientes para ilustrar o que significa nossa proposta metodológica: superar preconceitos fortemente enraizados pela dominação do urbano sobre o rural, praticando a transdisciplinaridade e a reflexividade, o que permite neutralizar resistências provocadas pela contra transparência, nos investigadores que se empenham em compreender em profundidade a relação rural urbano e suas contradições.

Referências

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

⁷Ver por exemplo Dean, W. (1996) - livro no qual a própria descrição da Mata atlântica ignora a beleza da floresta e, sem qualquer menção à sua funcionalidade, enfatiza um infernal desconforto.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1999.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica**. Brasília: Cia das Letras, 1996, SP.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

FIAMENGUE, Elis Cristina. Entre o espaço vivido e o espaço sonhado: Imagem da Infância em Assentamentos de trabalhadores rurais. **Dissertação de Mestrado em Sociologia**. F.C.L./UNESP. Araraquara/SP, 1996.

KURANAGA, A. A., BOTTA FERRANTE, Vera L. S., CAMARGO DE ALMEIDA Luiz M. Direito do Campo: uma parceria bem sucedida entre assentados e poder local. In: BOTTA FERRANTE, Vera L. S. e WHITAKER, Dulce C. A. (orgs.). **Retratos de Assentamentos**. Araraquara: UNIARA/INCRA/NUPEDOR/CNPq, nº. 11, 2008.

LEITÃO, Leopoldo G. **Contratransferência: Uma revisão na literatura do conceito**. Lisboa: Revista Análise Psicológica, ano 2, nº XXI, p. 175-183, 2003.

MORIN, Edgar. Contrabandista dos saberes. In: PESSIS-PASTERNAK, G. (org) **Do caos à inteligência artificial**. São Paulo: editora Unesp, 1993.

_____, Edgar. **O Paradigma perdido: a natureza humana**. Portugal: Publicações Europa, s/d.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____, Serge. **La Psychanalyse, son image ET son public**. Paris: PUF, 1976.

NISHIKAWA, Ducelaine L. L. **Levantamento das práticas sustentáveis nos assentamentos da Fazenda Monte Alegre na região de**